

**LINGUAGEM E DISCURSO:  
MICHEL FOUCAULT NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

Darlan Machado Dorneles (UFAC)

[darlan.d@uninter.com](mailto:darlan.d@uninter.com)

**RESUMO**

O presente trabalho, exigência da avaliação referente à terceira fase da disciplina de teorias linguísticas e discursos do mestrado em letras: linguagem e identidade da UFAC e ministrada pelo Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque, escava os conceitos de linguagem e discurso nas obras *As Palavras e as Coisas: uma Arqueologia das Ciências Humana* (1969), *A Arqueologia do Saber* (1969) e *A Ordem do Discurso* (1970), de Michel Foucault, comparando, levando em consideração que os textos são datados, que cada época possui determinadas concepções e não é porque a linguística avançou que se deprecia quem realmente estabeleceu a base, com o *Curso de Linguística Geral* (1916), de Ferdinand de Saussure (1857-1913). A linguagem, ao ver de Ferdinand de Saussure (1916), é social e individual, bem como modernamente na obra *As Palavras e as Coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas* (1969) de Michel Foucault é ela que representa o homem. O discurso, entendido na obra *A Ordem do Discurso* (1970) de Michel Foucault como o que é pronunciado e escrito pauta-se na dicotomia saussuriana língua e fala. O discurso, em outras palavras e ainda de acordo com a referida obra, é controlado, selecionado, organizado e reproduzido pelo poder dominante na sociedade, como também na obra *A Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault observa-se que o discurso, apesar de fragmentado, descontínuo, limitado, cortado e dinâmico, representa o homem. Espera-se, com a presente produção textual, ter situado Michel Foucault e suas contribuições para os estudos linguísticos e, de modo mais especial, na análise do discurso francesa.

**Palavras-chave:** Michel Foucault. Análise do discurso francesa. Linguística.

**1. Introdução**

Ferdinand de Saussure (1857-1913) é o pai da linguística moderna devido ao fato de na obra póstuma *Curso de Linguística Geral* (1916) definir qual o objeto de estudo da ciência da linguagem que é individual e, ao mesmo tempo, social e, em época posterior, Michel Foucault (1926-1984) nas obras: “*As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas*” (1969) promove uma investigação no Renascimento, Era Clássica e Modernidade, do discurso que é fruto da linguagem; *Arqueologia do Saber* (1969) apresenta método de pesquisa pautado no discurso, enunciado e saber humano; e, finalmente, *A Ordem do Discurso* (1970) reflexões sobre os discursos que estão a serviço do poder e materializam a ideologia.

Neste trabalho, objetiva-se fazer um texto destinado à avaliação da terceira fase da disciplina “teorias linguísticas e discursos” do mestrado em letras: linguagem e identidade da UFAC que foi ministrada pelo Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque, fazendo uma escavação sobre os conceitos de linguagem e discurso a partir das obras *As Palavras e as Coisas* (1969), *A Arqueologia do Saber* (1969) e *A Ordem do Discurso* (1970), de Michel Foucault e comparando, considerando a distância temporal e o contexto de produção de cada época, com o *Curso de Linguística Geral* (1916) de Ferdinand de Saussure, que é o alicerce da linguística moderna. O presente estudo, em face ao exposto, tenta responder as seguintes questões:

- a) Quem foi Michel Foucault?
- b) Quais os principais conceitos de linguagem e discurso nas obras *A Ordem do Discurso*, *As Palavras e as Coisas* e *A Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault?
- c) Quais as diferenças das concepções de Ferdinand de Saussure e Michel Foucault?

Situar Michel Foucault nos estudos linguísticos, alertar sobre a necessidade de retornar e fazer uma leitura no sentido de entender realmente a proposta de Ferdinand de Saussure e estabelecer os possíveis liames entre esses dois autores são as justificativas apresentadas para realização da presente pesquisa. O trabalho em questão, no tocante a estrutura, está organizado da seguinte forma: Introdução; Autores e obras: Sobre Ferdinand de Saussure, Sobre o Curso de Linguística Geral, Sobre Michel Foucault, Sobre a obra “As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas, Sobre a obra “A Arqueologia do Saber”, Sobre a obra “A Ordem do Discurso”; “Ferdinand de Saussure e Michel Foucault”; Considerações finais e Referências.

## 2. Autores e obras

### 2.1. Sobre Ferdinand de Saussure

Ferdinand de Saussure, linguista considerado pai da linguística moderna, nasceu em 26 de novembro de 1857 em Genebra (Suíça) e morreu aos 55 anos em 22 de fevereiro de 1913 em Morges (Suíça). estudou física, química e linguística (gramática grega e latina) na Universidade Alemã de Leipzig. Ainda estudante, ingressou na Sociedade Lin-

guística de Paris e publicou em 1879 a dissertação intitulada *Memória no Sistema Primitivo das Vogais em Línguas Indo-Europeias*. Ademais, estudou sânscrito, celta e italiano em Berlim, fez posteriormente o doutorado na Universidade Alemã de Leipzig em 1880, cuja tese foi intitulada *Do Uso do Genitivo Absoluto em Sânscrito*, e lecionou linguística histórica de 1881 até 1891 na Escola de Ensino Superiores de Paris (França). Na Universidade de Genebra, posteriormente, lecionou linguística histórica e filologia indo-europeia no período de 1901 a 1913, passando a partir de 1906 a lecionar linguística geral e fazer conferências sobre linguística. É após a publicação da obra póstuma *Curso de Linguística Geral* (1916), conjunto de textos e anotações reunidos pelos alunos Charles Bally (1865-1947) e Albert Séchehay (1870-1946) das aulas ministradas por Ferdinand de Saussure na Universidade de Genebra que Ferdinand de Saussure passa a ser conhecido e a linguística, com base no seu recorte metodológico, passa a ser de fato ciência.



### **2.1.1. Sobre o Curso de Linguística Geral**

É o livro *Curso de Linguística Geral* (1916), organizado por Charles Bally e Albert Séchehay a partir das aulas ministradas por Ferdinand de Saussure, que torna a linguística realmente uma ciência. O referido livro está estruturado em 05 (cinco) grandes partes e 279 (duzentas e setenta e nove) páginas. A primeira parte se intitula “Princípios Gerais”, a segunda “Linguística Sincrônica”, a terceira “Linguística Diacrô-

nica”, a quarta “Linguística Geográfica” e a quinta “Questões de Linguística Retrospectiva”. A linguística, em conformidade com Ferdinand de Saussure (1995, p. 13), é a ciência que estuda “todas as manifestações da linguagem humana” que “tem um lado individual e um lado social” (SAUSSURE, 1995, p. 16), bem como “a cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” (SAUSSURE, 1995, p. 16) de determinado grupo social.

A primeira dicotomia estabelecida é a oposição entre língua e fala. A língua, objeto de estudos da linguística, é parte da linguagem. De acordo com Ferdinand de Saussure (1995, p. 17), a língua elemento social “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” e a fala é individual. Em conformidade com Ferdinand de Saussure (1995, p. 27):

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica.

Os estudos da linguística podem ser realizados tanto a partir da escrita quanto da fala. A língua é o conjunto de signos e o signo linguístico é a “combinação do conceito e da imagem acústica” (SAUSSURE, 1995, p. 81), ou seja, do significado que é o conceito e o significante que é a imagem acústica. No entanto, “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 1995, p. 81), isto é, depende da vontade de quem escreve ou fala.

Para Ferdinand de Saussure (1995, p. 94), “poucos linguistas percebem que a interferência do fator tempo é de molde a criar, para a linguística, dificuldades particulares, e que ela lhes coloca a ciência frente a duas rotas absolutamente divergentes”. A segunda dicotomia estabelecida é a distinção entre sincronia e diacronia. A sincronia, opção adotada nos estudos de Ferdinand de Saussure (1996, p. 116), “se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva”, mas a diacronia “estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substi-

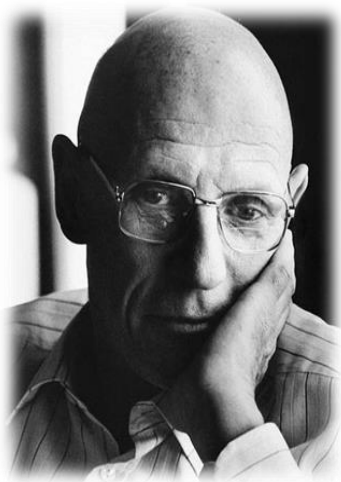
tuem uns aos outros sem formar sistema entre si”.

Em conformidade com Ferdinand de Saussure (1996, p. 158-159) “tudo o que compõe um estado de língua pode ser reduzido a uma teoria dos sintagmas e a uma teoria das associações”, porém, “seria necessário poder reduzir dessa maneira cada fato à sua ordem, sintagmática ou associativa, e coordenar toda a matéria da gramática sobre esses dois eixos naturais”. Desse modo, a terceira dicotomia são as relações sintagmáticas e paradigmáticas. O paradigma é o eixo vertical, possibilidade de escolher no sistema linguístico as palavras a serem utilizadas e, de outra banda, o sintagma é o eixo horizontal, múltiplas possibilidades de combinar nas frases as palavras, relações associativas e materialização do pensamento no processo de construção da fala.

Em face ao exposto, como criticam diversos considerados teóricos, Ferdinand de Saussure não exclui o sujeito, o objeto e a história, primeiro porque atendeu os padrões da época; segundo, devido ao fato de delimitar, como muitas fazem, seus estudos na língua, deixando claro que outros estudos poderiam investigar a fala; bem como, terceiro, são suas aulas organizadas no “curso de linguística geral” que fundou a linguística. Ademais, diante das dicotomias explanadas do *Curso de Linguística Geral*, ressalta-se ainda que “a língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza completa, o que oferece grande vantagem para seu estudo” (SAUSSURE, 1995, p. 22), assim como a fala é um vasto campo de investigação para linguística.

## **2.2. Sobre Michel Foucault**

Michel Foucault, filósofo francês, nasceu em 15 de outubro de 1926 em Poitiers (França) e morreu em 25 de junho de 1984. Formou-se tanto em psicologia quanto filosofia, lecionou a disciplina de “história dos sistemas de pensamento” no Colégio Francês, publicou: “*Doença Mental e Personalidade*” (1954), *História da Loucura na Idade Média* (1961 – Tese para obtenção do título de Doutor na Sorbonne), *Nascimento da Clínica* (1966), *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas* (1969), *Arqueologia do Saber* (1969) e *A Ordem do Discurso* (1970). Ademais, destaque-se ainda que, aos 58 anos de idade em decorrência de complicações com a AIDS, Michel Foucault morre em Paris (França), em 26 de junho de 1984.



### ***2.2.1. Sobre a obra *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas****

A obra *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas* (1969), de Michel Foucault, está organizada em 10 (dez) capítulos e 541 (quinhentos e quarenta e uma) páginas. O primeiro capítulo intitula-se “Las Meninas”, o segundo “A Prosa do Mundo”, o terceiro “Representar”, o quarto “Falar”, o quinto “Classificar”, o sexto “Trocar”, o sétimo “Os Limites da Representação”, o oitavo “Trabalho, Vida e Linguagem”, o nono “O Homem e seus Duplos” e, finalmente, o décimo “As Ciências Humanas”. Diante disso, a referida obra, produzida a partir de um texto de Jorge Luís Borges, descrevendo a experiência humana construída e registrada pela linguagem tanto no espaço quanto na história e investigando como funciona a ordem dos discursos no Renascimento, Era Clássica e Modernidade, fazendo ainda com que se entenda que tudo é representado pela ordem da linguagem. Michel Foucault (1999, p. IX), já no prefácio, deixa claro que o

[...] livro nasceu de um texto de Borges. Do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento — do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia —, abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a profusão dos seres, fazendo vacilar e inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro.

Com isso, pode-se inferir que é em face do riso e inquietação provocados pelo texto de Jorge Luís Borges que, de certa forma, abriu-se

caminhos para produção de obra *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas*, de Michel Foucault. No que diz respeito, mais precisamente, ao propósito do livro, nas próprias palavras de Michel Foucault (1999, p. XVIII-XIX), observa-se que

No presente estudo, é essa experiência que se pretende analisar. Trata-se de mostrar o que ela veio a se tornar, desde o século XVI, no meio de uma cultura como a nossa: de que maneira, refazendo, como que contra a corrente, o percurso da linguagem tal como foi falada, dos seres naturais, tais como foram percebidos e reunidos, das trocas, tais como foram praticadas, nossa cultura manifestou que havia ordem e que às modalidades dessa ordem deviam as permutas suas leis, os seres vivos sua regularidade, as palavras seu encadeamento e seu valor representativo; que modalidades de ordem foram reconhecidas, colocadas, vinculadas ao espaço e ao tempo, para formar o suporte positivo de conhecimento tais que vão dar na gramática e na filologia, na história natural e na biologia, no estudo das riquezas e na economia política. Tal análise, como se vê, não compete à história das ideias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça por encontrar a partir de que foram possíveis conhecimentos e teorias; segundo qual espaço de ordem se constituiu o saber; na base de qual a priori histórico e no elemento de qual positividade puderam aparecer ideias, constituir-se ciências, refletir-se experiências em filosofias, formar-se racionalidades, para talvez se desarticularem e logo desvanecerem. Não se tratará, portanto, de conhecimentos descritos no seu progresso em direção a uma objetividade na qual nossa ciência de hoje pudesse enfim se reconhecer; o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a epistêmê onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade; neste relato, o que deve aparecer são, o que deve aparecer são, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. Mais que de uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia”.

O livro em questão, embora não forneça um único conceito de linguagem, de forma arqueológica promove profunda reflexão de que todos os seres possuem experiências que são organizadas, criadas, registradas e analisadas, no desvelar da história, pela linguagem verbal e escrita humana. Desta forma, de forma ordenada, tentando mostrar como o conhecimento se organizou e, principalmente, pautando-se na linguagem escrita, a obra faz com se escave o universo da linguagem no Renascimento (XIV-XVII), Época Clássica (XVII-XVIII) e Modernidade (XVIII-XXI). No Renascimento, em conformidade com Michel Foucault (1999, p. 23), a linguagem do:

[...] mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo nas suas hastes os segredos que serviam ao homem. A pintura imitava o espaço. E a representação — fosse ela festa ou saber — se dava como repetição: teatro da vida ou espelho do mundo,

tal era o título de toda linguagem, sua maneira de anunciar-se e de formular seu direito de falar.

Nesse sentido, predomina-se, no Renascimento, a busca de semelhanças e decifrações sobre o ser, espaço e linguagem. Por outras palavras, é

No seu ser bruto e histórico do século XVI, a linguagem não é um sistema arbitrário; está depositada no mundo e dele faz parte porque, ao mesmo tempo, as próprias coisas escondem e manifestam seu enigma como uma linguagem e porque as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar. A grande metáfora do livro que se abre, que se soletra e que se lê para conhecer a natureza não é mais que o reverso visível de uma outra transferência, muito mais profunda, que constrange a linguagem a residir do lado do mundo, em meio às plantas, às ervas, às pedras e aos animais. (FOUCAULT, 1999, p. 47-48)

O mundo e o homem são mediados pela linguagem. Ela está no mundo para que os homens possam conhecer, decifrar e utilizá-la na vida cotidiana. O discurso é o resultado das significações dos comentários da linguagem que fazem “nascer, por sob o discurso existente, um outro discurso, mais fundamental e como que ‘mais primeiro’, cuja restituição ele se propõe como tarefa” (FOUCAULT, 1999, p. 56). Na Época Clássica, por conseguinte, a linguagem começa a ser tratada como objeto de estudo, como sistema de conhecimentos e representações, retirada dos mais variados contextos de utilização pelos “seres para entrar na sua era de transparência e neutralidade” (FOUCAULT, 1999, p. 77) e “uma vez elidida a existência da linguagem, subsiste na representação apenas seu funcionamento: sua natureza e suas virtudes de discurso” (FOUCAULT, 1999, p. 10). Ainda, no tocante a Era Clássica, Michel Foucault (1999, p. 109), afirma que:

Em última análise, poder-se-ia dizer que a linguagem clássica não existe. Mas que funciona: toda a sua existência assume lugar no seu papel representativo, a ele se limita com exatidão e acaba por nele esgotar-se. A linguagem não tem mais outro lugar senão a representação, nem outro valor senão em si mesma: nesse vão que ela tem poder de compor.

A linguagem passa a não ser vista mais como realidade, mas como forma de representação do humano e a natureza. É, neste momento, que surge a proposta de gramática geral que, ao ver de Michel Foucault (1999, p. 115), “é o estudo da ordem verbal na sua relação com simultaneidade que ela é encarregada de representar” e “por objeto próprio, ela não tem, pois, nem o pensamento e nem a língua: mas o discurso entendido como sequência de signos verbais”. O discurso, na Era Clássica, é a representação pelo significante e significado do homem, coisas e natureza.



Na Modernidade, a linguagem deixa de ser objeto de semelhanças, decifrações e salvação como no Renascimento, de ser instrumento de representação do universo como na Era Clássica, passando “não mais ao conhecimento das coisas, mas à liberdade dos homens” (FOUCAULT, 1999, p. 402). Desse modo, “no momento em que se definem as leis internas da gramática, estabelece-se um profundo parentesco entre a linguagem e o livre destino dos homens” (*idem, ibidem*). A linguagem, a partir da Modernidade, está indissociavelmente relacionada com a história. Sobre isso, Michel Foucault (1999), esclarece que a linguagem toma da como:

[...] realidade histórica espessa e consistente, a linguagem constitui o lugar das tradições, dos hábitos mudos do pensamento, do espírito obscuro dos povos; acumula uma memória fatal que não se reconhece nem mesmo como memória. Exprimindo seus pensamentos em palavras de que não são senhores, alojando-as em formas verbais cujas dimensões históricas lhes escapam, os homens, crendo que seus propósitos lhes obedecem, não sabem que são eles que se submetem às suas exigências. (FOUCAULT, 1999, p. 412)

A linguagem e o discurso, observando as considerações de Michel Foucault (1999, p. 412), pode-se ressaltar parte do lugar em que o sujeito está falando ou escrevendo, os hábitos, pensamentos, memórias e enquanto seres históricos que, mesmo em meio à liberdade disfarçada de opressão, a fragmentação de muitas experiências e o desaparecimento do discurso, precisa-se, como no passado, decifrar já que as significações não são certas, pois o discurso, majoritariamente, na Modernidade, é ideológico por natureza. Ademais, levando em consideração o exposto, a obra *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas*, de Michel Foucault é uma enciclopédia de linguagens que são vistas por diversos olhares no decorrer da história.

### **2.2.2. Sobre a obra *A Arqueologia do Saber***

A obra *Arqueologia do Saber* (1969), de Michel Foucault está organizada em 3 (três) capítulos e 236 (duzentos e trinta e seis) páginas. O primeiro capítulo intitula-se “As Regularidades Discursivas”, o segundo “O Enunciado e o Arquivo” e o terceiro “A Descrição Arqueológica”. É em *Arqueologia do Saber* (1969), obra primordial e decisiva para a história e análise do discurso francesa, que Michel Foucault apresenta ordenadamente seu método de pesquisa cujo objeto de estudo é o discurso, o enunciado e o saber do homem. A partir desse novo método que escava com um olhar crítico o discurso, o enunciado e o saber, observa-se que

a história, em sua forma tradicional, se dispunha a "memorizar" os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. Havia um tempo era que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento. (FOUCAULT, 2008, p. 8)

Rompe-se a perspectiva de análise historiográfica tradicional para a atual que analisa os detalhes da vida cotidiana. O homem, nesse atual olhar, é um ser discursivo criado pelo poder da linguagem escrita e falada, tem com a arqueologia recente a possibilidade de construir sua própria história. Todos são, inquestionavelmente, seres criados em face do discurso e da linguagem. Segundo Michel Foucault (2008), no que diz respeito ao conceito de discurso, trata-se de

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplididades do tempo. (FOUCAULT, 2008, p. 132-3)

Em outras palavras, é o discurso que explica a história, representa as condições de existência humana, estando fragmentado, descontínuo, limitado, cortado, dinâmico e, ao mesmo tempo, controlado e censurado, ou seja,

[...] não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade. (FOUCAULT, 2008, p. 50)

As práticas discursivas, por conseguinte, são conceituadas como os conjuntos ou repertório “de regras anônimas, históricas, sempre de-

terminadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 133), isto é, as práticas discursivas são a relação entre o discurso, os elementos materiais e a realidade de determinado grupo social.

Dessa forma, ao ver de Michel Foucault (2008, p. 37), “de modo paradoxal, definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consistiria em descrever a dispersão desses objetos, apreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que reinam entre eles”, ou seja, “formular sua lei de repartição”. Os enunciados, em conformidade com Michel Foucault (2008, p. 36-133), são “em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se refere a um único e mesmo objeto”, pertencendo “a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo” (FOUCAULT, 2008, p. 133) que foram produzidos pela linguagem falada ou escrita pelo homem.

O saber, sob o olhar de Michel Foucault (2008, p. 205), é o “conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva” que é indispensável “à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar saber”. Ainda explicando sobre o saber, Michel Foucault (2008) escreve que pode ser considerado também, tudo

[...] aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico (o saber da psiquiatria, no século XIX, não é a soma do que se acreditava fosse verdadeiro; é o conjunto das condutas, das singularidades, dos desvios de que se pode falar no discurso psiquiátrico); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (neste sentido, o saber da medicina clínica é o conjunto das funções de observação, interrogação, decifração, registro, decisão, que podem ser exercidas pelo sujeito do discurso médico); um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam (neste nível, o saber da história natural, no século XVIII, não é a soma do que foi dito, mas sim o conjunto dos modos e das posições segundo os quais se pode integrar ao já dito qualquer enunciado novo); finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (assim, o saber da economia política, na época clássica, não é a tese das diferentes teses sustentadas, mas o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas que não são discursivas). Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma. (FOUCAULT, 2008, p. 205-6)

É a noção de discurso, enunciado e saber encontrada em *Arqueologia do Saber* (1969), de Michel Foucault, que facilita entender qual é sua proposta, bem como realizar estudos na análise do discurso francesa. Ademais, no tocante a obra em questão, ressalta-se que o método arqueológico proposto por Michel Foucault (1969) estuda o discurso que está pautado nos enunciados que são os conjuntos de signos que não analisam apenas “as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser” (FOUCAULT, 2008, p. 108) o sujeito da própria história.

### **2.2.3. Sobre a obra *A Ordem do Discurso***

A obra *A Ordem do Discurso*, de Michel Foucault (1970), focalizando não unicamente os sujeitos, mas as formações discursivas carregadas de ideologia, é o registro escrito da aula inaugural ministrada pelo filósofo no Colégio da França no dia 02 de dezembro de 1970. O referido texto, sem nenhuma divisão de capítulos, organizado em 4 (quatro) argumentos e 79 (setenta e nove) páginas, apresenta reflexões sobre os discursos, que são instrumentos de poder e materialidade da ideologia, utilizados na sociedade controladora, selecionadora, limitadora e reprodutora. O primeiro argumento que Michel Foucault (1996) expõe é que

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 8-9)

O discurso é poder, possui uma ordem incerta, em sua materialidade é “coisa pronunciada ou escrita” (FOUCAULT, 1996, p. 8) e em face aos procedimentos de exclusão interdição, separação e vontade de mostrar a verdade que opera pela palavra proibida e delimitada, é controlado, selecionado, organizado e reproduzido, ou seja, “não se tem o direito de dizer tudo, que não pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 9). Sobre isso, Michel Foucault (1996) acredita que existe

[...] uma cumplicidade primeira com o mundo [que] fundaria para nós a possibilidade de falar deles, nele; de designá-lo e nomeá-lo, de julgá-lo e de conhecê-lo, finalmente, sob a forma da verdade. [...] é o discurso ele próprio que se situa no centro da especulação, mas este logo na verdade, não é se não um dis-

curso já pronunciado, ou antes, são as coisas mesmas ou os acontecimentos que se tornam insensivelmente discurso, manifestando o segredo de sua própria essência. O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de consequências de si. (FOUCAULT, 1996, p. 48-9)

O discurso tenta explicar a vida. Ele é a fala ou escrita que tenta representar a realidade em que se está inserido, trazendo várias formas de interpretação, organização e desmistificação. É o discurso que, apesar de controlado, selecionado, organizado, reproduzido e com sua incrível força criadora e produtiva, reorganiza e renova tudo em determinado grupo social. Por certo, com o poder, materialização e reprodução das ideologias, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo” (FOUCAULT, 1996, p. 10). O segundo argumento de Michel Foucault (1996, p. 33-34) na obra em questão, diz respeito à não existência de simetria entre o que o discurso atesta e os conceitos realmente dos objetos externos, inserindo-se em outros discursos e, inevitavelmente, evoluindo de maneira progressiva. Diante disso, Michel Foucault (1996), por seu turno, apresenta o seguinte exemplo:

[Gregor Johann ] Mendel [1822-1884] dizia a verdade, mas não estava “no verdadeiro” do discurso biológico de sua época: não era segundo tais regras que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um plano de objetos na biologia para que Gregor Johann Mendel entrasse “no verdadeiro” e suas proposições aparecessem, então, (em boa parte) exatas. (FOUCAULT, 1996, p. 35)

Na sequência, o terceiro argumento é que o discurso é a sequência entre significantes no imaginário do receptor consolidando normas e valores com outros discursos externos que estão em circulação no cotidiano da vida. Michel Foucault (1996), referindo-se ao terceiro argumento, afirma que

[...] o discurso (como a psicanálise nos mostrou) não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que (isto a história não cessa de nos ensinar) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1996, p. 10)

O quarto argumento, por fim, é que o discurso é disseminado e oficialmente aceito por toda sociedade como, por exemplo, “os textos re-

ligiosos ou jurídicos” (FOUCAULT, 1996, p. 21). Na referida obra, propõem-se a análise crítica e a genealógica do discurso, na primeira leva-se em consideração os procedimentos de exclusão interdição, separação e vontade de verdade e na segunda busca-se entender como ocorre à formação dos discursos, as especificidades e a propagação no meio social. Diante do exposto, a referida obra de Michel Foucault traz quatro princípios importante para análise do discurso francesa, a saber: 1º) inversão discursiva; 2º) descontinuidade discursiva; 3º) especificidade discursiva; 4º) exterioridade discursiva.

De modo geral, o princípio da inversão discursiva requer “[...] reconhecer, ao contrário, o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso” (FOUCAULT, 1996, p. 52), o da descontinuidade discursiva “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1996, p. 52-53), o da especificidade discursiva não se pode “transformar o discurso em um jogo de significações prévias” (FOUCAULT, 1996, p. 53) e, finalmente, no da exterioridade discursiva tem que ser analisado partindo das “[...] suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras” (*Idem, ibidem*). Ademais, cabe destacar que é nessa aula inaugural que Michel Foucault (1970) apresenta, com base nas reflexões e pesquisas, os diversos discursos da sociedade controladora, selecionadora, limitadora, reprodutora e sua força avassaladora no grupo social.

### **3. Ferdinand de Saussure e Michel Foucault**

É preciso ir ao *Curso de Linguística Geral* (1916) para verificar o que realmente é a proposta de Ferdinand de Saussure, “apesar de algumas invariâncias, Ferdinand de Saussure não foi lido do mesmo modo pelos distintos estruturalismos e pelos diversos estruturalistas, nem tampouco teve a mesma importância na fundamentação de suas diferentes abordagens” (PIOVEZANI, 2008, p. 39). Com isso, antes de fazer qualquer afirmação ou julgamento em relação a Ferdinand de Saussure, pai da linguística moderna, precursor e base para todas as correntes e teorias da linguagem que o sucederam, urge retornar a fonte e não se pautar no olhar equivocado que fazem da sua proposta.

Por outro lado, segundo Lucas Martins Gama Khalil (2012, p. 327), “a inserção de Michel Foucault em pesquisas situadas no amplo campo da linguística, no entanto, demanda do pesquisador atenção a as-

pectos basilares, como as noções de língua e estrutura”. Ressalta-se, na tentativa de estabelecer liames entre os dois estudiosos, que é difícil comparar Ferdinand de Saussure com Michel Foucault porque é a partir do primeiro que o segundo consegue avançar e expor novas reflexões sobre a linguagem e, não se pode deixar de considerar que, Ferdinand de Saussure é de uma época e Michel Foucault é de outra.

Michel Foucault é posterior e leu a obra de Ferdinand de Saussure. Sobre isso, Lucas Martins Gama Khalil (2012, p. 328) observa que as referências feitas ao pai da linguística por Michel Foucault o categoriza como o “linguista suíço estruturalista”. De fato, embora para tornar a linguística ciência autônoma e independente, em seus estudos Ferdinand de Saussure adotasse uma abordagem estruturalista da época; focalizando a língua, ele não deixa de reconhecer o seu caráter social, as possibilidades de outras pesquisas, sobretudo no tocante à fala. De acordo com Ferdinand de Saussure (1996, p. 27), para se realizar estudos da linguagem, têm-se duas formas, a primeira “essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo” e a segunda “secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação psicofísica”.

O esquecimento da história, do sujeito e a visão de estrutura enquanto mecanismo fechado, como já exposto, são as críticas mais atribuídas a Ferdinand de Saussure. Nas palavras de Carlos Piovezani (2008, p. 8), “conferem a Ferdinand de Saussure a emergência da autonomia de um objeto e o advento da positividade científica de uma teoria e de um método”, por outro lado, “reclamam a necessidade de se focalizar aquilo que pretensamente teria sido excluído das considerações saussurianas, como a ‘subjetividade na linguagem’ e a ‘ordem do discurso’”. Não se considera ao fazer as críticas que o texto é datado, as concepções da época são outras e, sobretudo não é porque a linguística avançou que, seus estudiosos olhando para o passado podem criticá-los ou agir de forma depreciativa. Se Ferdinand de Saussure estivesse vivo até hoje e acompanhado os novos olhares para linguagem no decorrer do tempo, talvez, mudaria algumas afirmações e aprimoraria sua proposta. É inquestionável que é a partir de Ferdinand de Saussure “que os historiadores da linguística e analistas do discurso começassem a refletir sobre as relações entre Ferdinand de Saussure e a análise do discurso”. (PIOVEZANI, 2008, p. 12)

Não se pode cobrar de Ferdinand de Saussure o que não estava em discussão na época. Em face disso, as obras de Michel Foucault: *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas* (1969),

mostrando como era vista a linguagem no Renascimento (XIV-XVII), Época Clássica (XVII-XVIII) e agora na Modernidade (XVIII-XXI), a *Arqueologia do Saber* (1969), entendendo a linguagem verbal e escrita como discurso que representa as experiências humanas e *A Ordem do Discurso*, fazendo perceber que o discurso é controlado, selecionado, limitado e reproduzido, são obras produzidas em época posterior a Ferdinand de Saussure e em meio ao desenvolvimento de uma abordagem funcionalista da linguagem e, apesar do autor não ser linguista, pode-se afirmar que, de certa forma, fornecem grandes contribuições para os estudos linguísticos e, principalmente para análise do discurso francesa.

A obra *A Arqueologia do Saber*, em conformidade com Lucas Martins Gama Khalil (2012, p. 335), por exemplo, é a mais utilizada no desenvolvimento dos estudos linguísticos porque é nela que se encontra “uma consistente fundamentação teórica e metodológica para o exercício de uma análise dita ‘arqueológica’, metáfora que pode ser entendida no sentido de uma investigação da historicidade dos enunciados, uma ‘escavação’ – utilizando outra metáfora”. A seguir, comparando, embora não seja fácil, as categorias linguagem e discurso para os olhares de Ferdinand de Saussure e de Michel Foucault.

A linguagem, ao ver de Ferdinand de Saussure (1995, p. 16) e como já exposto na introdução, é individual e social. A linguagem, ao olhar de Michel Foucault (1999, p. 402) na obra *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas*, modernamente “está ligada não mais ao conhecimento das coisas, mas à liberdade dos homens”. O discurso, não definido expressamente em Ferdinand de Saussure, mas entendido por Michel Foucault (1996, p. 8) na obra *A Ordem do Discurso*, como já destacado, como “coisa pronunciada ou escrita”, tem como base a dicotomia língua e a fala. Faz-se necessário, nesse sentido e, mais precisamente, no sentido de entender do que é realmente formado o discurso, apresentar os conceitos de Ferdinand de Saussure sobre língua e fala. A língua é “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” e “a fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1995, p. 22) e poderá ser estudada posteriormente pelas novas ramificações da linguística.

Retoma-se, para finalizar, os principais conceitos de discurso de Foucault que é posterior a Ferdinand de Saussure. Para Michel Foucault (1996, p. 10) ainda em *A Ordem do Discurso*, o discurso é aquilo que é



controlado, selecionado, organizado e reproduzido pelo poder na sociedade atual. O discurso, para Michel Foucault (2008, p. 50) em *A Arqueologia do Saber*, é a explicação da história, representação do homem, enunciado fragmentado, descontínuo, limitado, cortado, dinâmico e, sobretudo controlado tendo em vista que não escreve ou fala qualquer coisa. Ademais, ainda estabelecendo liames, a abordagem saussuriana, assim como, a foucaultiana não tratam de todas as problemáticas da linguística, isso é impossível, mas fazem recortes e, ainda que não aborem tudo, expõem olhares diferentes sobre a linguagem verbal e escrita humana.

#### **4. Considerações finais**

Escavados os conceitos de linguagem e discurso nas obras *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas* (1969), *Arqueologia do Saber* (1968) e a *Ordem do Discurso* (1970), de Michel Foucault, e fazendo as possíveis comparações com o *Curso de Linguística Geral* (1916) de Ferdinand de Saussure, infere-se que Michel Foucault é um filósofo que, assim como outros grandes nomes que são posteriores a Ferdinand de Saussure, traz contribuições para os estudos linguísticos, mostrando que a linguagem é a manifestação para liberdade e representação do homem e o discurso é pronunciado e escrito, controlado, selecionado, organizado e reproduzido para opressão e dominação que é imposta pela classe social mais favorecida.

Ferdinand de Saussure é de uma época e Michel Foucault é de outra. Apesar disso, o primeiro, mesmo em uma abordagem estruturalista da linguagem, já reconhecia o caráter individual e social da linguagem, ao passo que o segundo, mais próximo de uma abordagem funcionalista da linguagem, destaca que o ser humano é mediado e existe devido à linguagem, bem como alerta, talvez essa seja sua maior contribuição, sobre a não neutralidade do discurso que garante o poder e, sobretudo impõem a dominação social. Ressalta-se, mais uma vez, os dois estudiosos da linguagem fizeram recortes, não há como tratar de todas as problemáticas da linguística, a época influência no estudo a ser desenvolvido e são diferentes os olhares acerca da linguagem. A produção textual em questão conseguiu situar Michel Foucault nos estudos linguísticos, tendo atendido ao exigido na avaliação da terceira fase da disciplina de teorias linguísticas e discursos do mestrado em letras: linguagem e identidade da UFAC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1995.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KHALIL, Lucas Martins Gama. Michel Foucault e os estudos linguísticos: reflexões sobre a noção de língua e estrutura na análise arqueológica. *Cadernos de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, vol. 49, 2014.

PIOVEZANI, Carlos. Legados de Saussure para a análise do discurso: reflexões sobre a história da linguística. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 37, n. 3, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.